



A FOLHA DA MANHÃ E O SUCESSO DO FILME “O CANGACEIRO”

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3547

Jayne Priscilla Pastori, UEPG

Resumo

A partir dos anos 1970, mudanças ocorridas no campo da história possibilitaram o uso de novas fontes de pesquisa pelos historiadores, permitindo a incorporação de elementos diversos. Entre essas fontes está o cinema, que cada vez mais tem sido analisado. O cangaço, fenômeno social que teve o sertão nordestino como palco entre 1870 e 1940 foi retratado em filmes pela primeira vez na década de 1920, mas foi a partir da década de 1950 que o tema passou a ser explorado em enredos de filmes comerciais. No ano de 1953 surgiu um gênero que ficaria conhecido como ‘Nordestern’, o qual foi inaugurado com a produção do filme “O Cangaceiro”, dirigido por Lima Barreto. A análise do sucesso atingido por este filme entre o público brasileiro é o foco deste trabalho, sendo que serão utilizadas para tal as publicações do jornal “Folha da Manhã” veiculadas durante o mês de janeiro de 1953. A análise das fontes se pautará nos pressupostos de Tânia Regina de Luca, Maria Helena Capelato e outros, visando demonstrar o caráter parcial deste periódico sobre a opinião de seus leitores, já que, há nestas publicações, uma exaltação exacerbada da obra de Barreto, que, juntamente com a publicidade constante, certamente influenciaram no sucesso alcançado por este filme no Brasil.

Palavras Chave:

cinema; cangaceiro;
jornal.

Introdução

Os anos 1970 foram importantes para o campo da história, momento em que novas fontes ganharam espaço entre os historiadores, entre elas o cinema e a imprensa, possibilitando a incorporação de elementos diversos à pesquisa.

O uso de temáticas históricas nos enredos de produções fílmicas é comum. No Brasil, um dos temas ricamente abordado pelos cineastas é o cangaço, fenômeno que se desenvolveu no sertão nordestino entre as décadas finais do século XIX e meados do século XX. Os primeiros filmes brasileiros sobre o cangaço foram produzidos na década de 1920, momento em que este fenômeno ainda existia. Mas, foi na década de 1950 que surgiu o gênero que ficaria conhecido como ‘Nordestern’¹. A estreia deste gênero ocorreu em 1953 com a produção do filme “O Cangaceiro” realizado por Lima Barreto, o qual teria sua narrativa revisitada várias vezes nos anos que se seguiram. (VIEIRA, 2007, p. 65).

Este trabalho tem como objetivo central analisar o sucesso obtido pelo filme “O Cangaceiro” através das publicações do jornal “Folha da Manhã” durante o mês de janeiro de 1953. Busca-se desta forma demonstrar o caráter parcial deste periódico sobre a opinião de seus leitores.

Os jornais analisados foram obtidos através de pesquisa no acervo online da Folha de São Paulo, sendo escolhidas as publicações do contexto de lançamento do filme “O Cangaceiro” – durante o mês de janeiro de 1953.

¹ O termo Nordestern é um neologismo criado pelo pesquisador Salvyano Cavalcanti de Paiva na década de 60 e foi atribuído aos diversos filmes realizados sobre o cangaço nesse período. Este termo é uma referência direta ao western clássico que muito influenciou os filmes de cangaço a partir dos anos 50. (VIEIRA, 2007, p.65).

Criando um cenário: o Cangaço

Os debates em torno da origem do termo cangaço causam controvérsia. Luiz B. Pericás realizou um levantamento em dicionários dos séculos XVIII e XIX e descrições de viajantes que passaram pelo Brasil, como Jean-Baptiste Debret. Segundo Pericás há duas versões, a primeira de que o termo teria sido utilizado pela primeira vez com o sentido atual nas décadas de 1830 e 1840, e a segunda de que o termo seria utilizado desde o século XVIII (menos provável). Além disso, o termo cangaço apareceu pela primeira vez em dicionários na década de 1870 e tinha um significado diverso do atual: “significava uma “reunião de objetos menores e confusos, utensílios das famílias humildes, mobília de pobre e escravo””. (PERICÁS, 2010, p. 13)

O termo também pode ser encontrado no Dicionário de vocábulos brasileiros (1889), e em livros como *O cabeleira* de Franklin Távora (1876), *Cenas populares* de Juvenal Galeno (1871) e *Notas sobre a Parahyba* de Joffily Faria (1892). No entanto, é comum que se atribua a origem do termo cangaço na palavra ‘canga’, a qual deu nome a um instrumento de tortura e a cangalha, usada no lombo do boi.

A cangalha, ou canga de boi, é um instrumento composto de duas forquilhas de madeira, tendo como distância aproximadamente três palmos entre uma e outra, emboçadas e presas por traves laterais – designadas como “prendas” – enquanto em sua parte interna tiras de couro (repuxos) seguram a esteira de palha, albardão de molho de junco amarrados e justapostos, colocado sobre o lombo do animal de carga. Ainda são incluídos aí a barrigueira ou “cilha” (cinturão de couro afivelado), a rabichola e o peitoral, implementos para garantir a plena estabilidade do aparelho. Justamente nos cabeçotes das

forquilhas são dependurados os instrumentos de transporte de carga. (PERICÁS, 2010, p. 15)

A alusão ao cangaço se daria pela comparação da subordinação dos cangaceiros aos coronéis, ou pela associação dos apetrechos carregados pelos cangaceiros, ou ainda pela proximidade destes com os animais.

O cangaço se desenvolveu no sertão do Nordeste Brasileiro entre 1870 e 1940. A origem deste fenômeno social remete a formação de bandos de homens a mando dos coronéis para proteção de suas terras no século XVIII, grupos formados por jagunços e cangaceiros ‘mansos’, os quais, devido à dependência que tinham do coronel, tinham a obrigação de defendê-lo.

Os jagunços eram uma espécie de guarda-costas do coronel. Normalmente, tinham antecedentes criminais ou eram pistoleiros profissionais. Os cangaceiros ‘mansos’ eram trabalhadores comuns das terras de seu senhor, lidavam com o gado ou com o cultivo. (VIEIRA, 2007, p. 4)

Ilsa Queiróz destaca que o cangaço surgiu como atividade empregatícia, “não tivessem os chefes políticos e suas parentelas contratado sertanejos comuns para invadir e vigiar terras tomadas dos indígenas e de seus adversários, talvez não houvesse surgido e firmado a figura dos cangaceiros”. (QUEIRÓZ, 2005, p. 28)

No século XIX, durante o Império Brasileiro (1822-1889), o número de cangaceiros cresceu muito devido ao aumento da violência nas disputas de terras. (QUEIRÓZ, 2009, p. 28). Houve um aumento da produção agrícola no nordeste, graças à introdução da cultura do algodão, tornando os coronéis ainda mais poderosos e a população pobre cada vez mais pobre. A isso se somaram as secas que, de tempos em tempos, instituíam verdadeira calamidade,

ocasionando pouca produção de alimentos, migração em massa e favoreciam a formação de bandos de assaltantes, que aumentavam os prejuízos da população.

Formaram-se, assim, grupos que atuavam de forma autônoma, praticando assaltos contra viajantes ou fazendo favores aos grandes senhores da terra, como cobranças de dívidas. Quando atacavam uma vila por ordem de um coronel, esses bandos aproveitavam para realizar suas vinganças pessoais e fazer saques para si próprios ou distribuir entre o povo. É uma espécie de banditismo social, que prefigura o que mais tarde será conhecido como cangaço. (VIEIRA, 2007, p. 5)

Dentre esses bandos, alguns ganharam destaque, tornando-se conhecidos em todo o país como uma espécie de lendas do cangaço. Ainda que o mais afamado bando de cangaceiros do sertão nordestino seja, sem dúvidas, o de Lampião, outros grupos tiveram grande relevância.

O primeiro grupo de cangaço teve sua formação por volta de 1870, seu líder foi Inocêncio Vermelho, que foi morto em 1876, ao que Calangro assumiu o comando do bando. Este grupo teve um papel importante durante a seca de 1877-1879, tida como uma das mais cruéis, atuando como autoridade na proteção das fazendas contra roubos e crimes na região do Vale do Cariri.

Outro grupo destacou-se nesta época, mas inversamente ao de Calangro, voltava-se para as famílias pobres, pois tudo que o bando roubava era dividido entre a população rural pobre, sendo seu líder Jesuíno Brilhante. Ambos os grupos foram extintos pela polícia, deixando um espaço latente até meados da década de 1890.

A partir de 1889 com a proclamação da república, a situação política brasileira se alterou, o

bipartidarismo político deu lugar a uma “independência das oligarquias”. O mesmo ocorreu entre os cangaceiros que passaram a se desvincular dos coronéis, “o chefe agora é um deles mesmo, a figura central do bando. Sem domicílio fixo, nem remuneração, perdem o status de homens com trabalho e profissão reconhecida” (QUEIROZ, 2005, p. 32). Assim, surgiu um cangaço com estilo próprio, comandado por Antonio Silvino (Manoel Baptista), o qual, após a impunidade no assassinato de seu pai, decidiu fazer justiça com as próprias mãos entrando para o cangaço², agindo na pequena cidade de Canhotinho, entre os Estados de Pernambuco e Paraíba.

Antonio Silvino

untava os cabelos com brilhantina cheirosa, borrifava-se de extratos, molhava-se em *patchuli*, lavava-se em água de colônia. Os dedos eram encaroçados de brilhantes cravados em grossos anéis de ouro. (QUEIROZ, 1977, p. 75 apud VIEIRA, 2007, p. 11)

A vaidade que iria caracterizar os cangaceiros no século XX adveio de décadas anteriores, de Silvino que, assim como Lampião, se intitulava Governador do Sertão.

E ainda,

Era costume seu, ao saquear uma cidade, andar de braços com o prefeito ou o delegado da localidade coletando dinheiro dos comerciantes. Silvino tirava o necessário para seu sustento e do bando e, da mesma forma que fazia Jesuíno Brilhante, distribuía o restante do dinheiro para as famílias necessitadas. (VIEIRA, 2007, p. 12)

² Entre os principais motivos apontados para o ingresso no cangaço estão vinganças familiares, questões de honra e até mesmo a fuga do recrutamento militar. (PERICÁS, 2010, p. 37-40)

Silvino foi preso em 1914, após um combate com a polícia em que foi gravemente ferido, sendo condenado a 30 anos de prisão. “Após 28 anos de reclusão recebeu o indulto do então Presidente Getúlio Vargas”.

O bando de cangaceiros mais famoso do Sertão Nordeste foi certamente o de Virgulino. Lampião entrou para o cangaço juntamente com seus irmãos Antônio e Livino por volta de 1920, quando seu pai foi assassinado. “Virgulino entra no cangaço para vingar a morte de seu pai, José Ferreira, numa desavença por questões de terra, que levou toda a família a se mudar de Pernambuco para a Bahia”. (QUEIROZ, 2005, p. 34)

Virgulino se tornou Lampião após um combate em que sua “espingarda não deixou de ter clarão, tal qual um lampião” (DÓRIA, 1981, p. 67 apud VIEIRA, 2007, p. 13), destacando-se pelo destemor e violência, assumiu o comando do grupo em 1922, após a saída de seu líder Sinhô Pereira por questões políticas.

Essa nova onda de banditismo reinou no sertão nordestino por quase duas décadas, caracterizado por atos de extrema crueldade. Em 1940, durante o Estado Novo (1937-45), o cangaço foi oficialmente extinto no país com a morte de Corisco. Lampião, Maria Bonita e os outros cangaceiros do bando tinham sido assassinados em uma emboscada em 1938.

O cangaço nas telas

As histórias de cangaceiros passaram a ser usadas como temáticas de enredos filmicos a partir dos anos 1920. Desde então, foram produzidos pelo menos 48 filmes sobre o assunto. Em 1953 o gênero se consolidou com o lançamento do filme “O Cangaceiro”, dirigido por Lima Barreto, pois “a partir deste filme o gênero cangaço adquire forma, com características estruturais

comuns, no nível de personagens, e estruturas dramáticas recorrentes” (RAMOS, 1987, p. 341 apud DIDIMO, 2010, p. 29). Este filme é tido como marco inicial do gênero que seria imensamente explorado pelos cineastas da década de 1960, intitulado por Salvyano Cavalcanti como *Nordestern*, revelando uma influência direta do *western clássico* norte-americano.

A violência, o cavalo, os grandes descampados e a falta de tradição cinematográfica no Brasil: mais nada era preciso para transformar em filial do *western* norte-americano o filme de cangaceiro, que Salvyano Cavalcanti de Paiva chama de *Nordestern*. (BERNARDET, 1977, p. 46-47 apud DIDIMO, 2010, p. 61)

“O Cangaceiro” é o filme mais importante da Companhia Vera Cruz, alcançou sucesso dentro e fora do país, foi vencedor do prêmio de melhor filme de aventuras do Festival de Cannes, no entanto, o sucesso não foi suficiente para manter a Companhia, que fechou as portas em 1954.

O filme foi feito nas proximidades da cidade de Itu – SP, não tem tempo e espaço definidos e narra a história de um bando de cangaceiros comandados pelo Capitão Galdino Ferreira (Milton Ribeiro) e sua companheira Maria Clódia (Vanja Orico), clara alusão a Lampião e Maria Bonita. A maior parte do filme é dedicada à história do cangaceiro Teodoro (Alberto Ruschel), integrante do bando de Galdino que após o rapto da professora Olivia (Marisa Prado) em um vilarejo trai o bando para ajudá-la a retornar para casa. Durante a viagem há um envolvimento amoroso entre Teodoro e Olivia, o fio condutor da história.

Os personagens de Milton Ribeiro e Alberto Ruschel protagonizam o duelo entre o bem e o mal, sendo Galdino o cangaceiro vilão e Teodoro, o herói. Ambos têm em

sua personalidade uma certa dubiedade, pois Galdino não é totalmente malvado e nem Teodoro é totalmente bom. Ambos são cangaceiros e, conseqüentemente, bandidos, e eles têm que se comportar como tal. (DIDIMO, 2010, p 72)

Com direção, argumento e roteiro de Lima Barreto e complementação de diálogos realizados por Rachel de Queiroz, a época de seu lançamento – janeiro de 1953 – muito se tratou na imprensa brasileira sobre este filme. Desta forma, o presente trabalho se propõe a análise das publicações referentes à produção fílmica referida ocorridas durante o mês de janeiro de 1953 no jornal Folha da Manhã, as quais se encontram disponíveis para consulta no acervo online da Folha de São Paulo.

Quadro 1 – Galdino e sua companheira Maria Clódia em primeiro plano.

Quadro 2 – Teodoro e Galdino em momento de enfrentamento.



A história através da imprensa

O uso de fontes impressas em pesquisas históricas ainda é recente, podendo seu início ser datado da década de 1970, momento em que estas passaram a ser observadas com um olhar diferente pelos historiadores.

Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil. A introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa, além de amiudarem-se as edições fac-

símiles e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional. (DE LUCA, 2005, p. 111)

Nos primeiros anos foram poucos os trabalhos realizados a partir de jornais e revistas, sendo todos voltados para a história brasileira. O ideal de busca da verdade dos fatos, tão presente entre os historiadores do século XIX, fez com que durante aquele século a imprensa fosse vista como importante no país, mas sem valor para a história.

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual, precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (DE LUCA, 2005, p. 112).

De acordo com Capelato, na primeira metade do século XX, houveram dois posicionamentos diferentes em relação ao documento-jornal por parte dos historiadores: com desprezo devido a sua suspeição,

portanto sem validade, e com enaltecimento, em que os jornais eram tidos como repositórios da verdade. Tais posicionamentos foram criticados na segunda metade do século e “entraram em decadência junto com a noção tradicional de documento como espelho do real, da verdade e da objetividade” (LEITE, 2015, p. 3).

As duas posturas são contestáveis. O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social (CAPELATO, 1988, p. 21 apud LEITE, 2015, p. 3).

A imprensa deve ser articulada com outras fontes pelo historiador, além de ser entendida em sua conjuntura como força ativa da vida moderna.

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.

Como indica Darnton, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (CRUZ E PEIXOTO, 2007, p. 257 apud LEITE, 2015, p. 6).

A imprensa deve ainda, ser entendida como possuidora de sua própria historicidade, que “modela as formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que pretendem ser compartilhadas e universais, além de delimitar espaços, demarcar temas e mobilizar opiniões”.

“O Cangaceiro” nas páginas da Folha da Manhã

Este jornal foi selecionado por conter grande número de referências ao termo ‘cangaceiro’ quando da busca no acervo online da Folha de São Paulo, o qual tem suas edições desde 1921 disponibilizadas na rede para consulta. A Folha da Manhã tem suas edições desde 1925 disponibilizadas.

A pesquisa no acervo foi realizada através da palavra-chave ‘cangaceiro’ no ano de 1953, ao que surgiram 138 páginas, das quais foram selecionadas para análise 26 páginas do mês de janeiro daquele ano, datadas a partir do dia 10.

No dia 10 de janeiro de 1953, a Folha da Manhã publicou a matéria “Lima Barreto ia ser sacerdote, porém acabou transformando-se em grande diretor de cinema”, que pode ser encontrada na página 5 do caderno único, na qual Barreto relata as carreiras sonhadas desde criança, enfrentando os anseios de sua família que queria que ele se tornasse padre. Além disso, o diretor conta que seu primeiro longa-metragem é fruto de suas viagens pelo país, e que há

anos seu roteiro estava pronto em sua cabeça, já que “reflete não só o homem que eu sou, mas também o que desejaria ser”.

Na mesma página 5 do caderno único encontra-se um cartaz de propaganda do filme.



Folha da Manhã 10/01/1953 p. 5

No dia 14 de janeiro, há uma publicação sobre a importância do cinema para o desenvolvimento econômico do país, um relato do chefe da censura federal, Fernando Bastos Ribeiro, acerca da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Este elogia a produção do filme “O Cangaceiro”, confessando que é uma das mais belas obras do cinema nacional, símbolo de sua melhoria técnica e artística.

No dia 15 de janeiro, há uma publicação na página 5 do caderno único com uma imagem do filme ao centro da página, em que Milton Ribeiro e Alberto Ruschell, capitão Galdino e Teodoro, respectivamente, estão frente a frente, logo abaixo lê-se: O CANGACEIRO – Milton Ribeiro, um dos principais intérpretes de “O Cangaceiro”, contracena com Alberto Ruschell que, juntamente com Marisa Prado, são os protagonistas dessa película dirigida por Lima Barreto, para a Vera Cruz, “O Cangaceiro” será lançado em São Paulo no dia 19 próximo”.

A próxima publicação data do dia 18 de janeiro, em que a mesma imagem é utilizada para ilustrar uma nota sobre o cinema no Brasil, a qual elogia os produtores do filme.

No dia 20 de janeiro, “O Cangaceiro” aparece na seção ‘filmes em cartaz’, em que estão listados os cinemas onde está sendo exibido.

No dia 21 de janeiro há uma publicação, na seção ‘Artes-Teatro-Cinema-Radio-Sociais’, intitulada “O Cangaceiro” elogiando a produção como a “mais importante contribuição até hoje trazida ao cinema nacional”. Lima Barreto também é exaltado por “dar força expressiva a alguns aspectos característicos de nossa gente”, ao que continua a elogiar o diretor no restante do texto. Na mesma página, na seção ‘bolsa de cinema’, o filme aparece em terceiro lugar nas pesquisas realizadas pelos cinemas com 43,1% das pessoas ‘ótimo’ e 38,0% ‘bom’, ficando atrás apenas dos filmes “Senhora de Fátima” e “Scaramouche”.

No dia 22 de janeiro, na seção ‘bolsa de cinema’, “O Cangaceiro” continua em terceiro lugar, atrás dos mesmos filmes acima referidos com o mesmo índice de aprovação. Logo abaixo há comentários sobre os principais filmes exibidos. Sobre o filme de Barreto consta: “a classificação de “O Cangaceiro” revela mais uma vez a acentuada sensibilidade do público, que colocou o filme numa qualidade merecida. Bem realizado, o melhor filme nacional do ponto de vista técnico não conseguiu, todavia, em virtude de sua, por assim dizer, frieza, acentuada pela completa ausência de calor humano e emocional, agradar plenamente”.

Nos dias 23, 24, 25 e 27 de janeiro, o filme volta a aparecer na seção ‘bolsa de cinema’ em terceiro lugar e na lista dos ‘filmes em cartaz’. No dia 25 logo acima da seção ‘filmes em cartaz’ há uma propaganda do filme em questão, destacando a “2ª semana de espetacular

sucesso” do filme de Lima Barreto.

Nos dias 28 e 29 do mesmo mês, “O Cangaceiro” sobe para o segundo lugar na lista da seção ‘bolsa de cinema’, com os mesmos índices observados desde o início de sua exibição, ou seja, 43,1% ótimo e 38,0% bom. Logo abaixo os editores destacam o filme como “o melhor filme brasileiro até hoje realizado”. Na mesma página o filme é destaque na seção ‘filmes em cartaz’.

No dia 30 de janeiro, o filme de Barreto alcança a primeira posição entre os filmes exibidos, mantendo os índices de aprovação já apontados, o que é mantido na edição do dia 31. Em ambas as datas, na seção ‘bolsa de cinema’ a classificação do filme é destacada como justa.

Em todas as matérias publicadas ao longo do mês de janeiro de 1953 na Folha da Manhã sobre o filme “O Cangaceiro”, observa-se um enaltecimento constante das qualidades de produção, técnica e da equipe diretiva do filme, o que demonstra o quanto este jornal favoreceu o sucesso desta produção.

Por outro lado, a crítica de cinema do dia 21/01/1953 de Luiz Carlos Bresser-Pereira, publicada em “O Tempo”, não é favorável a “O Cangaceiro”, pois aponta suas falhas e a ufania de seus produtores.

O adjetivo que melhor se aplica a “O Cangaceiro” é pretensioso. Todo ele tresanda presunção. Já vimos dezenas e dezenas de filmes piores do que ele, mas dificilmente nos lembramos de um que aspirasse a tão grandes alturas e falhasse tão redondamente. Era nele que depositávamos as maiores esperanças do cinema nacional e a decepção foi grande. O nome de Lima Barreto, o cuidado com que o filme foi feito, seu tema, os recursos técnicos e econômicos da Vera Cruz, tudo indicava a possibilidade de uma produção

marcante, e, no entanto, temos uma fita pretensiosa e mal alinhavada (PEREIRA, 21/01/1953).

Bresser destaca ainda que Lima Barreto falhou ao produzir o que seria sua obra-prima, deixando a desejar em todos os aspectos do filme, sendo a interpretação de Alberto Ruschel elogiada. Afirma que o diretor deixou transparecer sua falta de experiência, cometendo erros de corte com uma história ruim e com argumento pouco convincente. Destaca ainda que “a melhor sequência do filme, afinal, deve ser atribuída mais ao argumento e à interpretação de Alberto Ruschel do que à direção”.

A observação destas publicações evidencia um caráter intencional dos editores da Folha da Manhã em incentivar a população a assistir ao filme de Lima Barreto, os quais acabam sendo espectadores com uma opinião conduzida, na medida em que aquele era “o melhor filme nacional de todos os tempos”, ou seja, ao assistir ao filme muitos dos espectadores já tinham conhecimento do teor de seu enredo e dos momentos mais marcantes.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo central a análise da repercussão do filme “O Cangaceiro” dirigido por Lima Barreto e lançado em 1953 através das matérias, comentários e propagandas veiculadas pelo jornal Folha da Manhã ao longo do mês de janeiro de 1953. Foi traçado um panorama das publicações sobre esta produção fílmica, no contexto de seu lançamento, observando o quanto um discurso de exaltação da obra de Barreto e uma publicidade constante podem ter influenciado no sucesso deste filme entre o público, já que sendo a Folha da Manhã um jornal de grande circulação, sua capacidade de influenciar

as pessoas deve ser considerada. Essa intencionalidade fica clara com a leitura da crítica de Bresser-Pereira em relação a “O Cangaceiro”, em que os pontos frágeis da produção são apontados.

Assim, nota-se que os periódicos são fontes preciosas para a história, mas para que as respostas procuradas sejam encontradas é necessário que o historiador questione, duvide daquilo que vê, pois, sua fonte é uma forma de discurso dentre várias.

Referências

DIDIMO, Marcelo. **O cangaço no cinema brasileiro**. – São Paulo: Annablume, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. NETO, José Miguel Arias. **O uso dos jornais para o conhecimento histórico: teoria e metodologia**. II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO. Disponível em: http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/recursos/anais/4/1435718521_ARQUIVO_TextoFinal_CarlosHenriqueFerreiraLeite_UEPG_2015.pdf Acesso em: 20/07/2016 às 19h00min.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. O Cangaceiro (Lima Barreto) 21/01/1953. In: PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Crítica de Cinema em O Tempo** – 1953. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/works/criticacinemaotempo1953.pdf> Acesso em: 20/07/2016 às 19h58min.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: Ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Cangaço e banditismo social: breves considerações**. Ruris, v. 9, n. 2, set 2015.

QUEIRÓZ, Ilsa Fernandes. **Mulheres no cangaço: amantes e guerreiras**. Natal: Idéa Editora, 2005.

VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza. **O Cangaço no cinema brasileiro**. 2007, 423 f., Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2007.